

"Tu é fio de quem?" Tecendo os fios com Bakhtin, Vigotski e Paulo Freire / "Who do you think you are?" Commenting the wires with Bakhtin, Vigotski and Freire

*Joselito Manoel de Jesus**

RESUMO

Este artigo analisa o enunciado "Tu é fio de quem?", apontando para a responsabilidade que um filho da roça tem como partícipe do sustento da família e como essa realidade imediata constitui fios que enredam sua existência. Adota as contribuições de Bakhtin, Freire e Vigotski, evidenciando o processo de humanização como resultado das interações verbais e sociais que os indivíduos estabelecem em determinadas condições que caracterizam o espaço e o tempo em que estão inseridos e inserindo-se num processo ininterrupto.

PALAVRAS-CHAVE: Palavra; Interação social verbal; Diálogo; Contexto sócio-histórico; Atividade psíquica

ABSTRACT

This article aims at analyzing the statement addressed to a farm child "Who do you think you are?" pointing to the fact that these children are responsible for their family income and as this immediate reality is intertwined by wires which build up their existence. This text is based on Bakhtin, Vygotsky and Freire, showing the process of humanization as a result of social and verbal interactions which individuals establish under certain conditions in order to characterize the space and time in which they are inserted and inserting themselves into a never-ending process.

KEY-WORDS: Verbal social interaction; Dialogue; Socio-historical context; Psychic activity

*Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Jacobina, Bahia, Brasil;
joselitojoze@gmail.com

Puxando as "meadas" desses fios¹

Algumas vezes, lá na zona rural de Rafael Jambeiro, ia visitar uma família com quem tenho boas relações afetivas. Tenho algumas características físicas que se assemelham com as pessoas que por lá convivem. Lembro-me de que quando chegava à casa de algum vizinho, levado por alguém conhecido da família, os mais velhos ficavam me olhando com desconfiança e, antes mesmo que alguém me apresentasse, faziam a célebre pergunta: "Tu é fio de quem?" Eu achava engraçado, mesmo porque não compreendia a pergunta. Ela jamais me havia sido feita antes. As pessoas de outros lugares me perguntavam onde eu morava, o que fazia, para que time torcia, qual era o telefone etc. Mas essa pergunta me deixava desconcertado. Eu não poderia respondê-la, pois eu não era do lugar, não tinha um passado, uma história e, provavelmente, não teria um futuro ali. A explicação para a minha perplexidade me deu a resposta para a própria pergunta. A afirmação que havia nela era o segredo da riqueza cultural que o contexto social engendrava. O lugar que eu visitava tinha sido uma fazenda – Fazenda Serrote – que, após a morte do patriarca, havia sido dividida entre os filhos e, por sua vez, entre seus filhos. Muitos eram primos e todos se conheciam, desenvolvendo relações no contexto agrícola que as condições geográficas e tecnológicas permitiam.

Rafael Jambeiro², município do Estado da Bahia, tem uma população estimada, segundo dados do IBGE (2007), em 23.107 pessoas, com um PIB *per capita* de R\$ 2.623,00. Seus principais produtos agrícolas são o milho e o feijão. Segundo o IBGE, dados do ano de 2007, o município produziu 120 toneladas de feijão, com o valor da produção estimado em R\$ 268.000,00, e 96 toneladas de milho, com o valor da produção estimado em R\$ 37.000,00. É uma produção baixa se comparada a municípios como Riachão das Neves, com 55.194 toneladas de feijão, São Desidério, 284.286 toneladas, ou mesmo Irará, com 2.720 toneladas de feijão. Não há nos dados do IBGE nenhuma lavoura permanente, todas são temporárias, indicando o caráter de subsistência dessa atividade econômica local. Na pecuária foram contabilizadas em 2007, pelo IBGE, 18.576 cabeças de bovinos; galos, frangos, frangas e pintos totalizando 11.549 cabeças; caprinos e ovinos somando 6.307 cabeças; 2.694 equinos e; 2.772 suínos, entre outras criações de menor número. No Cadastro Central de Empresas (2007) a Indústria tem 141 unidades ocupando 1.198 pessoas, sendo 1.071 assalariados. A maioria das indústrias são empresas familiares, sendo muitos operários contratados os próprios membros das famílias que gerenciam o negócio. Em Rafael Jambeiro, na agropecuária, nos serviços e na indústria, a organização familiar

¹Tecendo fios: o título é intencional. Primeiro se apoia no próprio objeto enunciativo: "fio", de filho, mas que toma emprestado outra significação de ser *homo sapiens* como um fio da vida, um fio da terra, e; o ser humano como um fio da existência social, um fio da própria humanidade. Eu prefiro a revelação feminina do discurso, pois a feminilidade em mim deseja tecer cada vez mais fios enquanto bate papo com o Outro, com a Outra, sobre os destinos das gentes no mundo e dos mundos na gente.

²Duas foram as minhas fontes principais: minha fonte primeira, no sentido de ordem no tempo, foi Maria das Graças Carmo de Aquino, membro da família Santiago Carmo, que veio para Salvador na década de 90 do século XX, e me levou ao município quando nos tornamos amigos. A segunda fonte foi o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), *Malha municipal digital do Brasil: situação em 2007*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

ainda desempenha um papel preponderante como um grupo socializador primordial dos seus habitantes.

Algumas famílias mostravam-me alegres as fotografias dos tempos de chuvas. O verde é um signo poderoso que aponta para a plantação que se transforma em bem-estar de todos os que sobrevivem da terra, agricultores do lugar. Talvez a correspondente da expressão "Tá tudo azul!", que a gente usa em Salvador para dizer que as coisas vão bem, lá, em Rafael Jambeiro, pode ser "Tá tudo verde!". Nesse lugar, todos os filhos e as filhas têm de trabalhar junto aos pais, pois não há trabalho, em sentido *stricto* de emprego, fora daquele contexto da zona rural de Rafael Jambeiro. Atualmente, a maioria dos jovens está se deslocando para Salvador, Feira de Santana, ou outra metrópole brasileira, pois não encontram mais possibilidade de engajamento bem sucedido, naquele contexto de seca e de ausência de políticas públicas que os socorram para além das práticas assistencialistas.

Ser "filho de quem" nesse contexto tem uma fundamental importância de sobrevivência em muitos sentidos. É mais um braço para – como poetiza João Cabral de Melo Neto (1985) – o trabalho árduo de

[...]tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.

É mais um braço necessário para a subsistência naquele contexto de chão sedento em sua superfície de poeira, que desafia sol a sol a existência do grupo. Ser filho de alguém aponta uma responsabilidade muito grande na manutenção do grupo familiar. A identidade do "ser filho", nesse contexto, não responde direta nem simplesmente a quem é o pai, mas a qual família pertence, pois é nessa que sua subjetividade se encontra tecida em meio aos desafios de existir na zona rural de Rafael Jambeiro, na condição de pequeno agricultor ou pecuarista.

O sujeito social não se constitui como um ego individual, um sujeito abstrato constituído por si mesmo, mas um processo/produto no seio de sua própria família, pois isso também, ele/ela é fio/fia de alguém, e não poderia deixar de sê-lo(a), sob pena de não existir. O humano gestado nesse processo é "fiado" no seio de seu grupo social privilegiado e por isso mesmo, "[...] não é, pois, um ego todo-poderoso, senhor do seu discurso, fonte poderosa de sua palavra; é um sujeito descentrado, que cinde em muitos porque é partícula de um corpo histórico-social" (CARDOSO, 2005, p. 22).

Sendo "fiado", tecido, no seio imediato da família e nas condições socioespaciais da zona rural de Rafael Jambeiro, sendo tornado e tornando-se um sujeito constituído e constituinte na e pela linguagem contextualizada, é preciso compreender esse "processo de fiação" tomando como base a contribuição teórica de alguns intelectuais que tomam a palavra como base da problemática da constituição humana. Bakhtin, Vigotski e Paulo Freire serão, portanto, enredados nesses fios de enunciados que desejam tecer, compreensivamente, um pequeno discurso, um pequeno mundo no grande mundo ininterrupto de interlocutores e de discursos, a partir da pergunta desencadeadora de todo esse processo: "Tu é fio de quem?"

1 Tecendo os fios com Bakhtin

Antes de tudo é preciso entender o que é a palavra em Bakhtin. A palavra para este intelectual não é um signo abstrato, imóvel, definido e dado por uma estrutura linguística. Não é apenas o “não” ou o “sim”. A palavra bakhtiniana é um processo semiótico de sujeitos sociais em interação verbal, delimitada e possibilitada pela situação social imediata e pelo interlocutor ao qual é endereçada. “Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência e outra. E a própria consciência individual está repleta de signos” (BAKHTIN, 2002, p. 34). Nesse sentido, a palavra, o enunciado, não é um signo, ou conjunto de signos, puro, estruturado por um sistema linguístico, mas expressão de um processo semiótico dialeticamente intenso, dirigido ideologicamente, “[...] uma forma de atividade entre os protagonistas do discurso” (CARDOSO, 2005, p. 21), em que o discurso interior só se torna possível pela interação social verbal. Portanto, sem o outro do diálogo e sem o contexto social imediato, a palavra perde a sua função social e desaparece enquanto instrumento de significação e de mediação na constituição de sujeitos sociais com os planos sociais e naturais em que se encontram e de onde significam. Como consequência, todo enunciado só pode ser definitivamente compreendido no contexto das práticas discursivas que remetem à formação discursiva do cotidiano que, por sua vez, “reflete e refrata a realidade à sua própria maneira” (BAKHTIN, 2002, p. 33), em que os interlocutores imprimem significados às suas práticas sociais.

Entendo enunciado como “a materialidade repetível, a unidade elementar do discurso (“discurso é um conjunto de enunciados que pertencem à mesma formação discursiva”) (CARDOSO, 2005, p. 36). O exemplo a seguir pode ser o enunciado: “Eu sou homem com h.” Esse enunciado pode ser elemento de um discurso, de uma formação discursiva machista se o contexto imediato e local da enunciação for no sentido de contrapor-se às mulheres. Mas pode ser elemento de um discurso de uma formação discursiva homofóbica se o contexto imediato da enunciação e o(s) interlocutor(es) for(em) homossexual(is). Portanto, para se compreender adequadamente um enunciado é preciso examinar o contexto imediato de sua enunciação e o interlocutor a que se destina, compreendendo-se os seus sentidos e concretizando-se como enunciações. Por isso que “A *enunciação*, por sua vez, é o singular, o irrepetível, o acontecimento (tem data, lugar determinado)” (CARDOSO, 2005, p. 37). Se um jogador de futebol faz um gol no time adversário, e, no momento da comemoração afirma: – “Eu sou “homem com h”, está fazendo uma enunciação, ou seja, enunciando o enunciado num contexto e para interlocutores completamente singulares e possibilitando a criação de sentidos e seus efeitos nas interações verbais desencadeadas, seja pelos colegas, seja pela imprensa, seja pelos diversos interlocutores que tiverem acesso a tal enunciação.

Aquela enunciação em forma de pergunta, “Tu é o fio de quem?”, não poderia ter sido feita em outro lugar qualquer. Ela já devia ter sido feita em inúmeras enunciações anteriores, até adquirir uma estabilidade que a tornou uma materialidade repetível, um enunciado. Ela buscava minha história no lugar, para começar a tecer a ponte de palavras entre mim e eles, afinal para começar a produção interativa de sentidos, é preciso, antecipadamente, que essa produção já tenha sentido. “A palavra é uma espécie de ponte

lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor" (BAKHTIN, 2002, p. 113). Mas essa ponte não poderia ser construída no ar. Ela ganharia seus contornos a partir de quem eu fosse, de quem eu representasse para eles e vice-versa. Lá eu era um "turista", um visitante ocasional sem compromisso formal e sem representar nada que fosse prioritariamente importante para eles. Mas eu não era um interlocutor abstrato, era o amigo da família Santiago, trazido por alguns de seus membros. Eu era uma extensão dessa família. Pela ponte de palavras e enunciados transitavam poesias, piadas, histórias engraçadas e pitorescas do lugar, de membros de ambas as famílias e curiosidades sobre a vida em Salvador e, ao final, quando eu iria voltar para visitá-los. Esse era o diálogo possível entre nós, visto que

[...] as palavras, enquanto exercentes das funções de signos ideológicos, somente adquirem sentidos se forem levadas em conta as determinações sócio-históricas dos interlocutores e do contexto do acontecimento enunciativo (FREITAS, 1999, p. 13).

Uma das lições bakhtinianas mais importantes é, como Bakhtin mesmo alerta: "Antes de mais nada, ela [a enunciação] é determinada da maneira mais imediata pelos participantes do ato de fala, explícitos ou implícitos, em ligação com uma situação bem precisa" (BAKHTIN, 2002, p. 113-114). A situação social imediata do enunciado "Tu é fio de quem?" é o contexto de famílias agrícolas organizadas economicamente em função de suas subsistências, onde cada membro desempenha um importante papel nesse processo, caracterizado também pela ausência de políticas públicas que combatam os efeitos nocivos das longas estiagens e elaborem, junto à comunidade local, projetos que fomentem o desenvolvimento sustentável daquela localidade, a partir de suas características e potencialidades. Naquele contexto, poucos desejam ir para longe de seus familiares.

Poucos sujeitos desejam se afastar definitivamente do contexto que os engendrou, principalmente se nesse contexto o grupo socializador privilegiado é a família. A saudade, a vontade de voltar, de alcançar condições para permanecer definitivamente em seu "torrão natal" é uma realidade presente que permanece pulsando, exigindo expressão, significado, seja em forma de lamento, seja em forma de esperança. "Mestre Lua", como era também carinhosamente reconhecido Luiz Gonzaga, tem toda uma discografia que *reflete e refrata* essa realidade subjetiva/objetiva de um grupo social específico.

Trabaia dois ano,
Três ano e mais ano
E sempre nos prano
De um dia vortar
Meu Deus, meu Deus
Mas nunca ele pode
Só vive devendo
E assim vai sofrendo
É sofrer sem parar
Ai, ai, ai, ai

Essa realidade que não é mais a mesma realidade. Tem outras realidades na realidade da realidade. Uma realidade envia a outra que, por sua vez, necessita de outras posições de sujeitos e, portanto, de outros discursos. Ele, o retirante, quer voltar. Mas a nova realidade não é tão simples como no plano: trabalhar-juntar dinheiro-voltar para sua terra. Na nova realidade "ele" vive devendo, embora trabalhe bastante, evidenciando a crueza do capitalismo urbano brasileiro, em que o dinheiro substitui a solidariedade que ele aprendeu em seu *modus vivendi* na zona rural de sua cidade de origem.

Tudo é um grande movimento incessante: os sujeitos, os signos, os discursos. A palavra é viva, e é preciso pronunciá-la para continuar vivendo, porque guardado como discurso interior, o lamento só potencializa expressões de dor e revolta pessoal. Expressa, na interação verbal, a palavra pode ganhar, entre outros, significados ideológicos compartilhados socialmente de solidariedade, celebração e luta política. É o que afirma Bakhtin em seu exemplo sobre a fome em diferentes interlocutores e situações imediatas:

De maneira completamente diferente será experimentada a fome pelos membros de uma coletividade unida por vínculos materiais objetivos (batalhão de soldados, operários reunidos no interior da usina, trabalhadores numa grande propriedade agrícola de tipo capitalista, enfim toda uma classe social desde que nela tenha amadurecido a noção de "classe para si"). Nesse caso, dominarão na atividade mental as tonalidades do protesto ativo e seguro de si mesmo; é aí que se encontra o terreno mais favorável para um desenvolvimento nítido e ideologicamente bem formado de atividade mental (BAKHTIN, 2002, p. 116)

Portanto, o discurso interior, conforme explicita Bakhtin (2002), é, realmente, ordenado e possibilitado pela expressão social, com suas marcas culturais e seus sentidos situados no horizonte de sua gente e sua história social imediata. A palavra não é abstrata, nem uma criação ou exercício solitário de um indivíduo singular, um ego surgido do desenvolvimento natural de suas potencialidades latentes, mas produto da interação verbal social que permite certas enunciações no contexto de suas possibilidades, diante dos interlocutores que se apresentam ou são convocados para o/no diálogo. Somente uma dialogia criadora é que permite o florescimento emancipatório de seres tecidos no cotidiano de seu contexto social imediato, que vão se tornando, permanente e irreversivelmente, seres humanos, porque seres sociais.

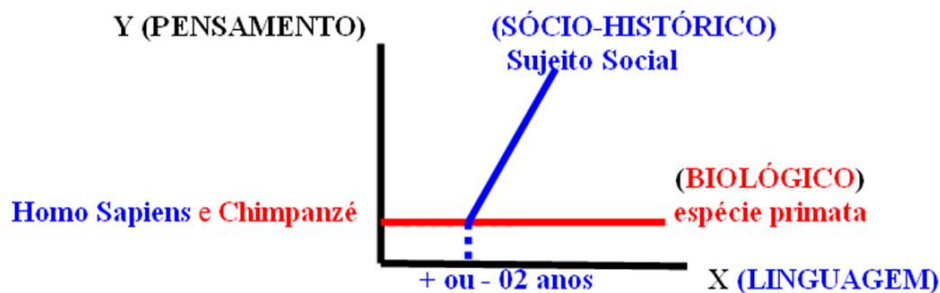
2 Tecendo os fios com Vigotski

Não existe uma atividade psíquica *a priori*. Marx e Engels apontam isso n'*A ideologia alemã*. O indivíduo não nasce humano, sujeito social. Ele nasce como um membro da espécie humana, dado biologicamente no plano filogenético, herdeiro das potencialidades latentes que foram desenvolvidas ao longo da história da espécie *homo sapiens sapiens*. Há um segundo nascimento desse indivíduo que é, segundo Vigotski, quando ocorre a passagem do biológico para o sócio-histórico, o momento em que o indivíduo dá o salto da filogênese para a definitiva e irreversível ontogênese histórico-social. É nesse momento

que a atividade psíquica, possibilitada pela mediação social do signo como instrumento intelectual, é incorporada definitivamente ao indivíduo, tornando-o um sujeito social, possibilitando-lhe o desenvolvimento de suas capacidades psicológicas superiores que o tornam qualitativamente diferente dos demais animais, adquirindo, nesse processo, as credenciais para sua entrada digna no salão da humanidade no planeta Terra. As parceiras desse segundo nascimento são a sociedade e a cultura.

Vigotski afirma que “uma vez que o significado da palavra é simultaneamente pensamento e fala, é nele que encontramos a unidade do pensamento verbal que procuramos” (1998, p. 6). Mas, segundo o próprio Vigotski, o pensamento e a sua expressão não estão dados pela filogênese da espécie humana. O relato das pesquisas com chimpanzés demonstra que tais animais possuem o pensamento pré-verbal e a linguagem pré-intelectual. Algumas pessoas podem afirmar: “mas, quando eu falo não já estou pensando e quando penso não já estou falando interiormente?” Antes da expressão exterior da fala, que é pensamento e linguagem, não há uma elaboração do discurso interior, que também é pensamento e linguagem inseparáveis? Em seu grau de desenvolvimento psíquico como sujeito inserido no processo social isso não é facilmente perceptível. Vigotski demonstra que até mais ou menos 02 anos de idade, o *homo sapiens sapiens* apresenta a mesma característica do chimpanzé, ou seja, sua linguagem é pré-intelectual e seu pensamento pré-verbal. Quando, em determinado momento de suas interações socioculturais, o pensamento se torna verbal e a linguagem intelectual, há a passagem permanente e irreversível do biológico para o sócio-histórico.

Podemos, a partir das contribuições de Vigotski, fazer um gráfico representando o salto ontológico dado pelo ser humano diante do chimpanzé:‘



Como vimos, a união do pensamento à linguagem e da linguagem ao pensamento não ocorre de modo natural, como um fenômeno tipicamente característico do desenvolvimento biológico do indivíduo. A ontogênese do ser humano é histórico-social e duas dimensões são imprescindíveis para a compreensão da passagem acima descrita: a cultura e o trabalho. O ser humano não se adapta à natureza, como os animais, ele adapta a natureza às suas necessidades e faz isso através do trabalho³. O trabalho exige, por sua vez, a elaboração

³Não confundir trabalho, em seu sentido ontológico-social, com trabalho, em seu sentido de mercado de trabalho capitalista.

de instrumentos e signos que irão presidir a relação indireta do ser humano com a natureza e com a sociedade pelo processo de mediação, promovendo o intercâmbio social. "A transmissão racional e intencional de experiência e pensamento a outros requer um sistema mediador, cujo protótipo é a fala humana, oriunda da necessidade de intercâmbio durante o trabalho" (VIGOTSKI, 1998, p. 7).

É pela exigência de interação social necessária exigida pelo trabalho que os seres humanos vão, no "estoque social de signos" (BAKHTIN, 2002), encontrados na cultura de determinada sociedade, construir seus significados sociais sobre os fenômenos à sua volta. Nesse processo, a atividade psíquica aparece como o resultado, o produto de tais interações, necessárias e inevitáveis, e, por isso mesmo, o ser humano nasce pela segunda vez, somente e tão somente, no seio da sociedade à qual pertence, num processo que é, sobretudo, histórico-cultural. A "maternidade" do ser humano é o mundo mais imediato de suas experiências sociais e culturais.

Na zona rural de Rafael Jambeiro, como foi dito anteriormente, o trabalho está ligado diretamente à terra, ao cultivo agrícola de culturas do feijão e do milho, para vender, e abóbora, batata, cebola, para consumo próprio. Há também, atualmente, um desenvolvimento maior da pecuária no município. Esse desenvolvimento é explicado pelo fato de que, como muitos jovens estão se deslocando para Salvador e cidades próximas mais desenvolvidas economicamente, como Feira de Santana, e o trabalho na agricultura exige a condição física que os jovens têm, resta a pecuária como atividade que está ao alcance das possibilidades físicas dos mais velhos. Os filhos estão indo embora, tanto pelo fenômeno da falta de possibilidades de crescimento, quanto pelas seduções da propaganda da TV, quanto pelas oportunidades trazidas via internet e demais meios de comunicação locais, a partir da implantação recente de energia elétrica na zona rural do município aqui citado.

A cultura que fazia a mediação no trabalho agrícola, e que dele emergia, agora é entrelaçada por outros meios e mensagens que vão fazendo deslocamentos na interação entre os humanos do lugar. O intercâmbio social e o pensamento generalizante da palavra no local não têm mais simplesmente como referência única o trabalho agrícola e a pecuária na zona rural do município. Contudo, como a base econômica ainda é ligada à terra, pela agricultura de subsistência ou pela pecuária, a linguagem local que sustenta a pergunta objeto deste artigo continua socialmente válida e simbolicamente ativa na constituição do pensamento e da linguagem dos moradores da zona rural de Rafael Jambeiro. Essas pessoas continuam tendo a família como grupo social privilegiado de formação de suas subjetividades, internalizando seus significados nas interações possibilitadas naquele contexto e fazendo suas passagens de indivíduo a sujeito social na cultura que caracteriza o lugar.

Saber dos pais de alguém é buscar apreender o significado da pessoa naquele lugar, é demarcá-la territorial, política, econômica e simbolicamente, através dos sentidos fornecidos pela cultura do lugar àquela pessoa e aos eventos históricos que ela representa e a que dá sentido. Podemos identificar aqui elementos intrapsíquicos que representam eventos de relações interpessoais ocorridos no processo histórico em relação à família a qual

pertence aquele possível interlocutor. O grau de interação a ser estabelecido nas trocas simbólicas que o diálogo instaura pela palavra vai depender enormemente do significado que aquele sujeito que visita tem para aquela família visitada. O comportamento de ambos os interlocutores, portanto, naquele encontro específico, vai depender primordialmente da resposta à pergunta: "Tu é fio de quem?". Tal pergunta para uns é curiosidade, para outros pode ser constrangimento, desafio, ameaça ou mesmo elogio. Sem a mediação do signo calcado numa determinada situação e realidade material o diálogo não acontece, pois sem significação não há compreensão, não há interesse, muito menos interação.

3 Tecendo os fios com Paulo Freire

Paulo Freire (1999), em sua *Pedagogia do oprimido*, vai situar a palavra como unidade do diálogo entre os seres humanos. Sua abordagem crítico-dialética do fenômeno vai priorizar a dimensão política que a palavra representa. A pronúncia do mundo em Freire tem uma exigência político-cultural imprescindível que caracteriza a sua teoria: a transformação do mundo e do próprio ser humano nesse processo incessante. Por isso, sua metodologia dialógica tem a *práxis* como núcleo fundamental, dirigida por uma filosofia humanista que destaca os aspectos afetivos e éticos no diálogo entre os seres humanos. "Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo" (FREIRE, 1999, p. 77). Como lembra Moacir Gadotti, o diálogo em Freire não é uma conversa desinteressada entre dois seres humanos em busca de saber mais. Saber por saber não é o fim do diálogo, o saber constitui mediação para emancipação. Enquanto em Freire o Diálogo é o lugar de encontro entre os homens mediatizados pelo mundo, em Bakhtin o Discurso é o processo em que os sujeitos se constituem ideológica e simbolicamente, produzindo sentidos.

O diálogo em Freire tem uma profunda implicação política, seu endereçamento é para a transformação do mundo e dos humanos que dialogam. A palavra, nesse sentido, como unidade do diálogo, não pode ser oca, vazia de sentido político emancipatório, mas verdadeira, cheia de significado histórico, cujos sentidos apontam para a emancipação humana do autoritarismo, da arrogância do sentir-se superior de classe social, raça, gênero, idade, da negação ao acesso aos bens produzidos coletivamente no seio da sociedade, entre outros.

A palavra na dialogicidade freiriana tem dois elementos constitutivos: a ação e a reflexão. O prejuízo de um desses elementos em função da supervalorização do outro provoca consequências indesejáveis para a emancipação humana. Para Freire (1999) há três formas de prejuízo da práxis dialógica, que são: o ativismo, o verbalismo e o impedimento da *palavra*⁴: o silenciamento. O ativismo é a palavra como expressão de uma experiência imediata, sem o exame rigoroso de um método que dirija a reflexão. A dimensão da

⁴Esta discussão que aqui apresento sobre o prejuízo da dialogicidade em Paulo Freire faz parte da discussão teórica de minha dissertação de mestrado defendida no ano de 2005, na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, pelo Programa de Pós Graduação em Educação e contemporaneidade, cujo título é *A formação política do professor no programa rede UNEB 2000*.

reflexão fica prejudicada, perdendo a ação o seu caráter cognoscente e teleológico. Para Freire

O clima do pensar certo não tem nada que ver com o das fórmulas preestabelecidas, mas seria a negação do pensamento certo se pretendêssemos forjá-lo na atmosfera da licenciosidade ou do espontaneísmo. Sem rigorosidade metódica não há pensar certo (2002, p. 55).

Isso não significa que o método está ausente nas atividades rotineiras de trabalho, por exemplo, do agricultor. A diferença entre o agricultor e o agrônomo é que, enquanto o primeiro domina o método em sua empiria diária, o segundo domina o discurso do método, o que orienta a sua atividade de planejamento. Toda abstração do agricultor se dá em torno dos elementos oferecidos nas situações imediatas de seu trabalho e das relações que o intercâmbio social naquele contexto vai exigir. Por isso Freire alerta que:

O que se pretende investigar não são os homens como peças anatômicas, mas o seu pensamento-linguagem referido à realidade, os níveis de sua percepção desta realidade, a sua visão do mundo, em que se encontram envolvidos em "temas geradores" (FREIRE, 1999, p. 88)

Se associarmos as categorias de Bakhtin às reflexões freirianas podemos concluir que não há ativismo nesse processo, visto que toda palavra, toda enunciação do agricultor terá uma história, virá de enunciados, em função das formações discursivas cotidianas que seus familiares, amigos e vizinhos lhe transmitiram durante o processo de produção de suas existências na agricultura e na pecuária. Essa transmissão, como alerta Vigotski, não é um processo em que a cultura é internalizada pelo indivíduo de modo heterônomo, passivo. A sociedade e a história são o palco privilegiado onde a cultura é internalizada pelo sujeito social num processo intenso de negociações.

A outra forma de reducionismo da palavra enquanto *práxis* é o verbalismo, em que a palavra perde o seu caráter de ação concreta, o que, em última instância, é o que vai caracterizar a *práxis*. Nesse caso, a palavra transforma-se num discurso vazio, vazio, sem a experiência concreta da ação, sem a "pronúncia do mundo". Este reducionismo está aliado ao prejuízo da ética e, por isso, é um dos mais nefastos reducionismos da palavra. É como afirma Freire:

O meu discurso sobre a Teoria deve ser o exemplo concreto, prático, da Teoria. Sua encarnação. Ao falar da construção do conhecimento, criticando a sua extensão, já devo estar envolvido nela, e nela, a construção estar envolvendo os alunos (FREIRE, 2002, p. 53).

Nessa perspectiva, o diálogo entre mim e as pessoas que perguntavam de quem eu era filho, não poderia ser instaurado pela minha experiência de soteropolitano da periferia, com suas perspectivas, problemas e esperanças. Cairia no verbalismo, pois o sentido da palavra se perderia na ausência de um contexto histórico e ideológico que pudesse aproximar-nos de objetivos comuns que estabelecessem o diálogo. Era mais fácil observar, ouvir bastante, anotar e ir perguntando sobre os sentidos que havia naquele pedaço do mundo, já que lá era o nosso lugar de encontro.

A terceira forma de prejuízo da *práxis* é o silenciamento, seja ele pela imposição dos poderosos, seja pelo nosso consentimento medroso ou cínico e fatalista. O silenciamento revela em si uma situação de opressão, uma concordância não declarada a uma situação de opressão e é, em si mesmo, uma expressão autêntica da desumanização. Se a palavra é a unidade constituinte do processo psíquico, da própria humanidade, como vimos em Bakhtin e Vigotski, sua negação, portanto, é desumanização. "O silêncio é, pois, uma construção que se afirma como sintoma de um bloqueio, de uma potencialidade que não pode ser desenvolvida", como afirma Boaventura de Sousa Santos (2001, p. 30). Paulo Freire fala em "assalto desumanizante". Assaltar a palavra de outrem é um ato desumano, um crime contra a humanidade, pois "através do diálogo se impõe o caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens" (FREIRE, 1999, p. 79). Portanto, "[...] o diálogo é uma exigência existencial" (FREIRE, 1999, p. 79) e o silenciamento é a tentativa de redução do sujeito ao reino do biológico, tratado como animal, como escravo, como ser inferior. O assalto à palavra é o ato primeiro dos assaltos que se seguem: assalto a vida digna, à saúde, à educação, à cultura, à moradia decente, à segurança, ao lazer e às demais condições humanas. Esta tentativa de assalto também pode estar presente na pergunta "Tu é fio de quem?". E é isto que passamos a examinar.

A lógica cultural, talvez, que presida a enunciação "Tu é fio de quem?" pode ser a seguinte: – Diga-me de quem és filho e dir-te-ei quem tu és, o que representas, que perigos, ameaças ou soluções e esperanças. A resposta, como foi dito anteriormente, guiará a conversa, de onde tanto podem emergir os preconceitos, os autoritarismos, as arrogâncias, as descrenças, quanto os amores, a humildade, a fé, a criatividade, a alegria, a criticidade, e se tornar lugar de encontro entre os homens, ato de criação, de transformação, de emancipação social e política do ser humano em seu processo de transformação do mundo.

Entretanto, se o "filho de quem" for "filho de ninguém" o rumo da conversa pode ser outro, pois o silêncio, ou pior, o silenciamento do interlocutor pode manifestar-se como o produto desse desencontro⁵. O "filho de ninguém" pouco tem a falar, pois, antes de tudo, ele é marcado pelos signos sociais da exclusão, construídos na história do lugar. Ele sofre mais um assalto desumanizante e fica aprisionado na cela do silêncio, proibido de se comunicar e de integrar favoravelmente a rede de relações interativas que constitui os humanos e o mundo no mesmo processo. Por isso que o "[...] objetivo fundamental é lutar com o povo pela recuperação da humanidade roubada e não conquistar o povo" (FREIRE, 1999, p. 85). O "filho de ninguém" é filho de alguém, filho de quem existe e deseja existir ou já existiu e, se ainda existe, deseja existir ainda mais, com seu filho, com sua filha, com sua esposa, na sua história, com suas memórias, e com sua rede de palavras, de enunciados, com os quais pesca humanidades possíveis através da dialogicidade permanente que a existência⁶ exige.

⁵Quem já foi considerado "filho de ninguém" sabe muito bem a que me refiro. Deixo o não-dito significar.

⁶Existência no sentido freiriano mesmo. Para Freire, o animal vive adaptado ao mundo. O ser humano existe, adaptando o mundo a si, ao outro e com o outro, através do trabalho e do diálogo.

Conclusão: amarrando alguns fios

As contribuições de Bakhtin, Freire e Vigotski vão ao encontro de uma perspectiva fundamental do ser humano, a de que este último, produto da humanidade mais próxima em que está inserido, é constituído no processo ininterrupto de construção de sentidos pela interação verbal que as condições econômicas, políticas, culturais e sociais ensejam. A palavra, como vimos, não é só a unidade do Diálogo, da Língua, do Discurso, instrumento de comunicação; ela é, também, elemento fundamental da constituição humana em sua atividade psíquica interativa. Tem uma história, tem um contexto, é um signo social tecido na lógica histórico-social da geografia que torna possível sua pronúncia, sua compreensão e sua utilização como constituição psíquica, como intercâmbio social, como *práxis* política. É somente a partir dessa perspectiva da palavra que sua poeticidade, sua politicidade e todos os seus sentidos são compreendidos, imersos no contexto de sua pronúncia, e se pode responder satisfatoriamente: "Eu sou Fio de Alguém."

REFERÊNCIAS⁷

- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. M. Lahud, Y. F. Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.
- CARDOSO, S. H. B. *Discurso e ensino*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica/FALE UFMG, 2005.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- _____, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FREITAS, A. F. *O diálogo em sala de aula: análise do discurso*. Curitiba: HD Livros Editora, 1999.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, *Malha municipal digital do Brasil: situação em 2007*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.
- MARX, K; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. Trad. J. C. Bruni e M. A. Nogueira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- MELO NETO, J. C. *Os melhores poemas de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Global, 1985.
- OLIVEIRA, M. K. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento. Um processo sócio-histórico*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2004.

⁷Embora alguns textos não tenham citação correspondente no corpo deste artigo, foram importantes subsídios teóricos para um relativo amadurecimento intelectual do autor, o que propiciou a elaboração deste artigo em torno do objeto de estudo aqui apresentado.

SANTOS, B. S. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. Para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

TAVARES, C. *Vozes-mulheres. Cadernos negros 13; Quilombhoje*. São Paulo, 1990.

VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Tradução J. Cipolla Neto, L. S. M. Barreto e S. C. Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Pensamento e linguagem*. Trad. J. L. Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Sites:

[http://www.luizluagonzaga.mus.br/index.php?option=com_content&task=view&id=106&Itemid=103] Acesso em: 12 nov. 2009.

[http://www.luizluagonzaga.mus.br/index.php?option=com_content&task=view&id=9&Itemid=103] Acesso em: 12 nov. 2009.

Recebido em 29/03/2010
Aprovado em 20/05/2010